

Resenha da obra *Potências do Tempo* – David Lapoujade

Ana Flávia Costa Eccard¹
Rafaela Nóbrega²

LAPOUJADE, David. *Potências do tempo*. Tradução Hortencia Lencastre. São Paulo: n-1 edições, 2013. Bilíngue inglês/ português, 200 páginas.

Potências do tempo se dedica a trabalhar de forma apurada a questão da duração em Bergson, escrita por David Lapoujade filósofo francês, professor da Sorbonne que outrora foi aluno de Giles Deleuze, organizador de obras póstumas deste, a saber, *Ilha deserta* e *Deux Régimes de Fous*. Na obra em tela o autor se preocupa em discutir a duração e seus desdobramentos pela via das emoções a qual entender ser uma experiência da liberdade. Lapoujade pensa a duração como expressão de liberdade e em uma relação direta e permanente com afeto, perfaz ainda, seu campo de desenvolvimento através de três importantes pontos a emoção, simpatia e o apego à vida. Trata-se de pensar a duração no âmago do ser humano, o que motiva o sentir da vida.

A estrutura do livro é dividida em quatro capítulos e uma densa introdução anterior a estes que desenvolve a relação indissolúvel do tempo e do afeto. Curioso se faz destacar que o quarto e último capítulo possui apenas duas páginas, o autor não apresenta rigor na separação de seus blocos de desenvolvimento textual.

Tempo e Afeto, a introdução, apresenta que a apreensão da duração se dá através do sentir, e isto acontece com a atuação do tempo na sensibilidade, resultando em emoção. As emoções podem ter diferentes profundidades, ora atuando num eixo mais superficial, ora num mais aprofundado. Ao se aprofundar a duração perde seu caráter ontológico e se transforma em vibrações no tempo. Daí podemos entender que no ser humano a duração é a própria emoção. A crítica de Bergson aos fundamentos da inteligência se dá por esta não ser suficiente para apreender o escoamento do tempo, ou seja, a duração. A experiência para Bergson possui dois lados, o lado superficial que é a inteligência trabalhando de acordo com a lógica da interpretação e o lado da intuição que é o plano de profundidade através da pluralidade de encontros dos níveis de inteligência. Para se

¹ Doutoranda PPGD/UVA e PPGFIL/UERJ. E-mail: anaeccard@gmail.com

¹ Mestranda do PPGFIL/UERJ. E-mail: nobrega.rf@gmail.com

entender humano não basta pensar somente com a inteligência. A duração propicia de fato a liberdade no humano. A duração ainda propicia também uma vida rica de afetos.

No primeiro capítulo denominado “*Número obscuro da duração*” - Bergson matemático, Lapoujade coloca o problema dos *Dados Imediatos da Consciência* e o da liberdade.

Para atingir o problema da liberdade Lapoujade propõe uma série de desvios que passando pela matemática constrói contundentes críticas a um pensamento estritamente científico. Nesse ínterim, estabelece diferenças entre o eu (de superfície/ativo e profundidade/passivo), desta forma indica que o eu de superfície corresponde a um agente de multiplicidades quantitativas e o eu da profundidade é paciente de multiplicidades qualitativas, essas características se realizam ao mesmo tempo, sem conflitos e sem alternância entre si.

A fim de compreendermos as relações entre o ato livre e os dados imediatos da consciência faz-se necessário estabelecermos as distinções cabíveis entre as multiplicidades propostas por Bergson. As multiplicidades podem ser aquelas presentes no espaço compostas por elementos homogêneos e de caráter quantitativo, ou aquelas heterogêneas pertencentes ao tempo, de caráter qualitativo. A cada uma há uma correspondência com camadas do eu.

Os dados imediatos da consciência abarcam o problema da liberdade de modo bastante profundo. Entre as multiplicidades quantitativas do espaço e multiplicidades qualitativas do tempo, o problema da liberdade se aproxima mais do segundo por estar arrolado com os aspectos do eu profundo.

A liberdade aparece como um múltiplo indeterminado, imprevisível cuja síntese corresponde a nós mesmos, ou seja, o que compõe o eu é essa variedade fragmentada de sentimentos e percepções. O ato livre é toda passividade acumulada. A liberdade em Bergson é antes de tudo uma liberdade de expressão e criação. Ela é um afastamento da inteligência, ou melhor, ela é um esforço de intuição presente na inteligência.

Emoção não é mais um tipo de afecção. Ela é o todo da multiplicidade qualitativa e é ela quem expressa a tonalidade da experiência. Ela não é causada por uma relação causal, mas sim uma relação de expressão. A emoção é síntese dos movimentos da sua vibração interior, não é o movimento em si, mas é o movimento virtual.

O segundo capítulo, *Intuição e Simpatia*, apresenta a simpatia como metodologia. Lapoujade tece uma crítica aos comentaristas que reduzem a significação

da simpatia. Para Bergson, a simpatia pode ser confundida com a intuição, um complemento metodológico indispensável. A ideia da simpatia perpassa pelos termos exterior e interior. A simpatia não é só pelos outros, mas é também movimento interno. Contudo, esta dimensão de interior e exterior não deve significar mundos preexistentes. Esse processo de entendimento do que a simpatia é estaria mais bem explicado, segundo o próprio Bergson, em a *Evolução criadora*.

O ponto de partida para a aplicação do método bergsoniano é o entendimento da intuição na duração como movimento contínuo e o que ela produz em nós. No que tange a questão da analogia a partir do entendimento da intuição, essa só pode se realizar apenas em totalidades abertas, pois seriam as únicas que estariam inseridas na duração. O método utilizado pelo Bergson, a saber, intuição, se realiza de acordo com a própria vida. Importante se faz notar que intuição deve ser entendida como instinto ampliado, que não tem limite de conhecimento no interior do objeto.

O movimento fundamental de simpatia e intuição é diferente. No primeiro, a simpatia sempre em relação com o outro entra no interior deste, revelando nele movimentos de sua própria alteridade. Já o segundo, é aquilo que mantém a relação do outro em nós, “visão direta do espírito pelo espírito.” A simpatia é responsável em transformar a vida e a matéria em consciência. É possível também afirmar que o espírito se entende duração pela intuição. Daí surge um terceiro elemento que é a memória, momento em que consciência se torna duração, isto é, a intuição, ou ainda de forma simultânea a duração se torna consciência, isto é, simpatia. É somente a partir da simpatia que temos a excelência do método bergsoniano, pois simpatia e intuição trocam qualidades.

No capítulo terceiro, denominado *Apego à vida*, Lapoujade diferencia apego à vida de atenção à vida. A atenção à vida se define como sentido do real. Trata-se de “uma faculdade de antecipação e de adaptação das exigências do mundo exterior”. É da ordem biológica e estabelece um sistema de “pergunta e resposta” de forma direta. O viver de forma atenta é uma redução à inteligência, à falta de vitalidade, algo mecânico e fixo, sucumbindo à obrigação. Contudo, existem pessoas que estão em desatenção à vida, como o filósofo e o artista. Estes não estão interessados pela vida exterior, mas sim pelo apego à vida. Ainda no que diz respeito à atenção há uma estreita relação com a estrutura do aparelho sensorio motor. O homem atento é aquele que é obrigado a responder de forma rápida e imediata aos imperativos do mundo exterior.

Apenas o artista e o filósofo não mantêm atenção à vida, relaxam diante do mundo e conseqüentemente há uma perda de equilíbrio, seriam, portanto, seres distraídos, cuja percepção do mundo exterior estaria distendida, seria uma percepção ligada à criação. Há, portanto, um afastamento do esquema sensório motor presente na vida cotidiana para se obter um alargamento da percepção.

Para isso faz-se mister entendermos o que concerne a atenção à vida, uma vez que esta se liga intimamente com o real ou irreal. Conceito de atenção à vida em Bergson traria a possibilidade de separar o real do irreal, mas também compreende a interseção dessas duas possibilidades. A atenção à vida estabelece relação com o mundo exterior num incessante movimento, nos impelindo para o futuro; a tensão que decorre daí é o que mantém nosso interesse no mundo exterior.

Lapoujade observa em Bergson um esquema que define as ligações entre o normal e o patológico. Adaptar-se ao funcionamento sensório-motor configura uma forma de patologia sustada a essa forma chama-se normalidade, ou seja, “o normal nada mais é que o patológico sustado”.

A natureza tem um plano que estabelece tendências, entre elas a tendência a crer e a fabular, na função fabuladora o apego à vida exerce a capacidade de delirar como uma necessidade vital. Nesse sentido, a religião figura como uma necessidade vital de crer e não apenas como um conjunto dogmático fruto das representações do real. O delírio segue como um ato necessário para crer, desse modo podemos constatar em Lapoujade que as noções de atenção à vida e apego à vida são interseccionadas pelo delírio, no primeiro o delírio deve ser combatido, já no segundo ele constitui a vitalidade da espécie que se afasta da inteligência.

Lapoujade sobre o apego à vida vai dizer que existem três formas de apego à vida, sendo as duas primeiras, obediência e crença, demarcam os limites da espécie humana por serem circunscritas a inteligência. Os círculos da história das técnicas e das religiões são condicionamentos do indivíduo e da sociedade, não é possível sair deles, apenas expandi-los. Pode-se entender que existem sociedades fechadas ou ainda bolhas de humanidade, as quais possuem a religião como uma forma estática. Importante se faz notar que essa não saída configura a doença da espécie, que é constituída da sua normalidade, “seu sofrimento vem da sua inteligência e da representação do real que ela impõe a sua atenção.” A única forma de se suportar o sofrimento oriundo da inteligência é mergulhar em delírios e fabulações que reconstruíram o apego à vida, isto é, uma restauração do equilíbrio natural.

A terceira forma de apego à vida é o desapego. Trata-se de um amor pelo movimento da vida. O desapego é uma violência a natureza e preciso transformá-la, daí surge a importância do místico, “pular fora do plano da natureza”, um movimento anormal, mas não patológico. Essa mudança repentina é a “passagem do aberto para fechado, da vida habitual para a vida mística.” Essas três formas de apego à vida correspondem ao que Lapoujade chama de três imperativos: obedecer, criar e criar, que são definidos por ele como “forças supraintelectuais”. Isso porque ele estabelece uma teoria dos equilíbrios que acredita atravessar toda a obra de Bergson, alternâncias de equilíbrios e desequilíbrios e tendências que subordinam umas às outras, o qual o equilíbrio natural sempre está calcado na normalidade da ordem social. Sua defesa é em direção ao equilíbrio superior, que nada mais é que um salto intensivo que resulta numa perda de equilíbrio operando uma crise mística.

A emoção criadora é o acúmulo de todas essas formas de apego à vida, é a integral que reúne as afecções da sensibilidade. Não tem sua origem no corpo, mas no espírito, e sua temporalidade é pura duração, uma evolução do pensamento. O apego à vida se torna um princípio criador, se confunde com uma nova forma de confiança e é um imenso impulso, ultrapassa o místico e se libera de todos os círculos criados pela humanidade. A emoção criadora se dá na percepção, se realizando intuitivamente.

No quarto capítulo, Lapoujade aborda de modo sucinto o Bergson espiritualista em oposição a um pensamento “intelectualista”, em que vai deslocar o homem como centro da filosofia. A experiência humana é limitada por círculos construídos e impostos pela inteligência, “o homem está literalmente circundado pela sua inteligência.” Neste capítulo vemos um claro combate bergsoniano a estes círculos, uma vez que eles impossibilitam a criação. Contudo, dentro da filosofia de Bergson o homem possui lugar privilegiado por ser o único que consegue superar sua inteligência e adentrar em todos os níveis de realidade. É o espírito que confere essa habilidade ao homem.

O autor do livro aqui resenhado coloca ainda uma possibilidade de conhecimento definindo como algo comum a Bergson, perspectivismo, que por sua vez se contrapõe a teorias rígidas como mecanismo, finalismo, evolucionismo, por tecer uma nova abordagem diferente do movimento. Em Bergson, as espécies se desenvolvem pelo impulso interior.

Em suma o livro é direcionado aos estudiosos de Bergson, aprofunda as questões levantadas em suas principais obras como Evolução Criadora, Energia Espiritual, Matéria e Memória, As duas fontes da moral e da Religião, O riso, Pensamento

Movente entre outros. Nesse perscrutar das questões a partir de desvios e não linearidade, coloca a duração como base principal de sua filosofia e entende a emoção como aplicação dos afetos.